

## **Multi-mistura: desnutrição infantil e limites do relativismo \***

Ivan da Costa Marques \*

**RESUMO:** A história da proposição da multimistura aqui apresentada aponta limites do relativismo demarcados por linhas de fuga (Deleuze, Guattari) que encenam “versões da realidade” diversas: 1) um corte epistemológico entre conhecimento científico e crença, corpo e mente, natureza e sociedade, outorga à ciência o direito exclusivo de ser assertiva quanto à realidade: o mundo de um aparato nutricional nos limites bioquímicos do corpo; 2) um mundo da alimentação onde estão presentes entidades híbridas corpo-mente, natureza-sociedade, onde fatos científicos sobre alimentação são feitos e desfeitos em interações de coletivos heterogêneos (Law, Latour); e 3) um mundo da nutrição infantil habitado por corpo-mente-alma, encenado por uma metafísica empírica (Mol, Law, Latour) onde os elementos bioquímicos estão sujeitos a complexidade de um relativismo máximo.

**Palavras chaves:** multimistura, ciência, política

**ABSTRACT:** The history of the proposition of multimistura as ‘food for the children program’ highlights three versions of reality in drawing the limits of relativism: 1) radical (absolute) epistemological division between scientific and popular knowledge, body and mind, nature and society, granting science the exclusive right to claim assertions about reality, a body-only biochemical nutritional apparatus world; 2) a line of flight from (1) which performs a body-mind, nature-society world of nourishment where facts about food circulate, are made and unmade according to heterogeneously framed interests of collectives; and 3) a line of flight from (2) that considers an empirically metaphysical body-mind-soul version of the reality of child nutrition, a version of reality where the biochemical elements come in their full complexity.

**Key words:** multimistura, science, politics

### **1. Introdução**

A partir da década de 1970 uma mistura composta por partes usualmente não consumidas de alimentos (folhas, cascas e farelos), denominada multimistura, foi adotada, inicialmente em escala reduzida, como suplemento alimentar no combate à desnutrição infantil. Durante a década de 1980 a escala da rede da multimistura ampliou-se e alcançou dimensão nacional, tendo seus receituários financiados pela Fundação Banco do Brasil e sendo institucionalmente adotada pela Pastoral da Criança. Mas a partir de 1990

---

\* A multimistura é o tema da dissertação de mestrado de Lucimeri Dias Ricas no Programa de Pós-Graduação em Informática do NCE-IM/UFRJ. O autor agradece ao NCE/UFRJ o suporte recebido, sem o qual este ensaio não teria sido possível.

\* Professor Associado *Programa de Pós-Graduação em Informática do NCE-IM/UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ*

intensificaram-se disputas e formaram-se controvérsias envolvendo as qualidades nutricionais da multimistura e os benefícios decorrentes de sua adoção.

O conhecimento científico foi mobilizado como arma crucial do arsenal dos envolvidos nas disputas. Contra crenças populares e/ou afirmações imprecisas lançaram-se resultados obtidos em condições reivindicadamente controladas e reproduzíveis em laboratórios que estabelecem “verdades confiáveis” ou “fatos e não meras ficções.” Entraram em cena as construções dos fatos sobre as condições higiênico-sanitárias e o valor nutricional da multimistura, assim como sobre de que maneira e com que efeitos estão presentes ali compostos considerados anti-nutrientes e toxigênicos. Tomando o período de 2002 a 2007<sup>1</sup>, este ensaio traz à cena pelo menos duas questões cruciais na discussão dos limites do relativismo nas abordagens “construtivistas realistas” que vêm sendo postas em prática com crescente vigor no campo dos Estudos CTS: que condições fecham as controvérsias? que linhas de fuga<sup>2</sup> se apresentam no fechamento das controvérsias?

## 2. Inscrições historiográficas

Nesta sessão extraímos frases exatas de relatórios científicos, artigos de divulgação, manifestos, mídia de grande circulação, entrevistas publicadas, etc., em suma de material publicado sobre a multimistura. Comparamos estas frases às marcas obtidas em instrumentos de laboratório. Daí o título “inscrições historiográficas”.<sup>3</sup>

Em meados da década de 70 a pediatra Clara Brandão observou uma redução drástica de diarreia em crianças subnutridas em 13 creches em Santarém, no Pará, após experimentar, durante três dias, um suplemento alimentar obtido de farelos e folhas escuras e também outros ingredientes como sementes e pó de casca de ovo. Entrevistando a população local para ter mais conhecimento de suas tradições alimentares, ela passou a buscar na produção local “alimentos alternativos” que tivessem alto valor nutritivo, embora não fossem mais costumeiramente consumidos pela população. A partir de então Clara Brandão começou a lutar pela disseminação da utilização da multimistura, como veio a ser chamado o produto obtido destes alimentos alternativos. Junto com seu marido, Dr. Rubens Brandão, também médico, fundou a Sociedade de Estudos e Aproveitamento dos Recursos da Amazônia

---

<sup>1</sup> Este ensaio partiu da idéia de dar continuidade analítica e historiográfica ao marcante estudo (Velho e Velho, 2002).

<sup>2</sup> As multiplicidades se definem pelo fora, “pela linha de fuga ou desterritorialização segunda a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”. (Deleuze e Guattari, 1995:17)

<sup>3</sup> Omitimos as aspas em cada frase por comodidade de leitura e nesta versão omitimos as referências por economia de espaço.

(Seara), voltada para a busca de soluções para o problema da desnutrição na primeira infância. O movimento ganhou escala.

Em 1983, Clara Brandão foi premiada no XXIII Congresso Brasileiro de Pediatria e o programa da Seara foi reconhecido Sociedade de Pediatria da Bahia e pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Em 1984 um consultor designado pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) para avaliar o valor nutricional da multimistura apresentou um relatório favorável. Em decorrência, em suas ações na área de assistência básica, a Pastoral da Criança, da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), começou a divulgar e deu escala nacional à prática de utilização da multimistura. Em 1989, a visibilidade da proposta da multimistura aumentou ainda mais com a transferência de Clara Brandão e seu marido, Dr. Rubens Brandão para o Ministério da Saúde em Brasília. Em 1990 o Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) elaborou um parecer apontando diversos erros técnicos e conceituais em um folheto de autoria de Clara Brandão, afirmando que as informações ali contidas deveriam ser comprovadas por pesquisas científicas e solicitando ao ministro da Saúde que fosse “sustada a divulgação do folheto ‘Alimentação alternativa’ para as indispensáveis correções”.

Mas em 1992 o potencial de utilização da multimistura na recuperação e manutenção do estado nutricional de crianças e gestantes foram reconhecidos pelo o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), embora ressaltando a necessidade de avaliações mais criteriosas. Clara Brandão participou de um grupo de trabalho de profissionais, coordenado pelo presidente do INAN, criado em 1994, para examinar a questão da inclusão da multimistura nos programas do Ministério da Saúde. Em 1995 ela coordenou o Programa de Orientação Alimentar para a Saúde, implantado no INAN. Mas em 1994 os médicos Jaime Amaya-Farfán e Hilda Torin criaram o informe técnico (IT) deflagrando uma campanha desqualificando a multimistura, alertando para os perigos da utilização de uma dieta composta de elementos cuja eficiência era questionada pelos resultados das pesquisas por eles realizadas.

Em julho de 2000 o Regulamento Técnico para Fixação de Identidade e Qualidade definiu a multimistura como o produto obtido através da secagem, torragem, moagem e mistura de ingredientes de origem vegetal, sendo obrigatória a presença de farelos torrados em quantidade mínima de 70% (g/100g) e pó de folhas verde-escuras, podendo ser adicionados leite em pó e outros ingredientes. Do começo da década de 1990 a 2002, e continuando até hoje (2008), foram feitos muitos estudos por especialistas que, na sua maioria, afirmam que a multimistura não tem os efeitos benéficos, pelo menos não no grau anunciado, quando incorporada à dieta das crianças.

Estes estudos concluem que, por comparação com outras crianças em grupos de controle que não recebiam a multimistura, e também, analisando seus ingredientes ou através de experiências com animais, a multimistura não detém as qualidades nutricionais, alimentares e até sanitárias que necessariamente estariam presentes em um composto alimentar capaz de ter os efeitos alegados por Clara Brandão. Mas em dezembro de 2002 a multimistura “destinada Secretaria Estadual de Ação Social e Prefeituras Municipais, do Estado do Tocantins, em aquisição direta, para o programa de doação a pessoas carentes”, fica isenta do pagamento de ICMS.

Em 2006, Zilda Arns Neuman, situada junto à direção da Pastoral da Criança, recebe “o Prêmio Opus (*Opus Prize Foundation e a Universidade Católica de Notre Dame, de Indiana- EUA*), que concede o valor de US\$ 1 milhão para pessoas ou organizações que unem empreendedorismo e fé nas suas ações e que são comprometidas com a transformação profunda de problemas sociais como injustiça, pobreza, fome, analfabetismo e doenças.” A Pastoral da Criança deixa de liberar o uso de seu CNPJ para abertura de fábricas de multimistura tanto pelo resultado da pesquisa quanto pela necessidade do trabalho ser realizado pelos líderes na comunidade. “A farinha multimistura, assim como qualquer outro alimento, quando produzida para ser consumida em maior escala, fora de casa ou da comunidade, precisa seguir padrões exigidos pelas agências sanitárias.” Em outubro de 2006, Clara Brandão declara que “já me avisaram que agora eu estou clandestina dentro do governo.”

Em junho de 2008, o programa AABB Comunidade da Fundação Banco do Brasil inaugura uma fábrica de multimistura em Bom Conselho, PE. Participam do programa AABB Comunidade 392 municípios, o que inclui mais de 50.000 crianças e jovens de 7 a 18 anos incompletos e quase 4.000 educadores. Clara Brandão declara que, no governo, a multimistura começou a ser excluída da merenda escolar para abrir espaço para o Mucilon, da Nestlé, e a farinha láctea, cujo mercado é dividido entre a Nestlé e a Procter & Gamble (*Figura 1*). “É uma política genocida substituir a multimistura pela comida industrializada”, ataca a pediatra.



*Figural*

A coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, reconhece que a multimistura foi importante para diminuir os índices de desnutrição infantil: “A multimistura ajudou muito, mas só ela não é capaz de dizimar a anemia; também se deve dar importância ao aleitamento materno.” O Ministério da Saúde se posicionou (2007) esclarecendo que “a multimistura, um composto de farelos e outros ingredientes, nunca foi adotada como estratégia nacional para o tratamento da desnutrição infantil. O Ministério da Saúde também não compra nem distribui alimentos à população. Assim, não têm fundamento as notícias de que a pasta teria substituído a multimistura por alimentos industrializados”. A coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, reconhece que a multimistura foi importante para diminuir os índices de desnutrição infantil: “A multimistura ajudou muito, mas só ela não é capaz de dizimar a anemia; também se deve dar importância ao aleitamento materno.” A revista ISTO É procurou as autoridades do Ministério da Saúde ao longo de toda uma semana, mas nenhuma delas quis se pronunciar. “O multimistura é um programa que não existe mais,” limitou-se a informar a assessoria de imprensa.

### **3. História**

A partir das inscrições historiográficas acima apresento três histórias que ressaltam a disputa entre diferentes versões de realidade.

#### **3.1 Primeira História**

Uma primeira história configura um quadro epistemológico radicalmente dividido. Na sua primeira fase, no Pará, de 1974 até o fim da década, a proposta de Clara Brandão foi “espontaneamente” aceita em creches e escolas pobres de um número cada vez maior de municípios brasileiros. Clara Brandão contou com o voluntariado da Legião Brasileira de Assistência. Depois, em 1983, a adoção também quase “espontânea” de sua proposta pela

Pastoral da Criança levou a multimistura a milhares de comunidades. A partir daí, sendo ainda “espontaneamente” adotada pela Fundação Banco do Brasil, a proposição da multimistura chega em 1990 a ser considerada para inclusão em um programa de governo visando resolver o problema da desnutrição infantil no Brasil, espalhando-se também para outros países.

Ao atingir esta dimensão nacional, no entanto, os cientistas entram em cena. Estes novos atores detêm o saber disciplinar moderno, científico, sobre os materiais quanto às suas características nutricionais e suas participações nos processos de nutrição dos organismos. Eles são os que são capazes de submeter a multimistura ao “teste de realidade” e têm início as controvérsias sobre a adoção da mistura. Para ter sua adoção legitimada pela ciência moderna, a multimistura precisa, em sua constituição físico-química, conter certos elementos (átomos e moléculas de nutrientes em condições de absorção) e não conter outros (anti-nutrientes). Grupos acadêmicos analisam a composição da multimistura e concluem que a multimistura não pode ter os efeitos com que é anunciada. Não tendo sido contestada por outros cientistas em laboratórios, esta conclusão é um fato científico. A multimistura não passa no “teste de realidade”, e sua capacidade nutricional é ficção e não é fato. A partir daí, a capacidade de Clara Brandão angariar apoio cai drasticamente. Ela perde aliados e a multimistura como um programa de governo não é mais viável.

Nesta história não há relativismo quanto às verdades estabelecidas nos laboratórios sobre as capacidades da multimistura. A “espontaneidade” inicial pode ser facilmente explicada como resultado da intervenção de Clara Brandão acompanhada de um ou mais atores “interessados.” Em oposição a eles, alinham-se os grupos acadêmicos, atores “desinteressados,” que trabalham tendo a Natureza como árbitro em seus laboratórios. Nesta história, os atores “interessados” trabalham em um campo ignorante ou vazio de conhecimento científico sobre nutrição e aumentam suas escalas de influência enredando elementos subjetivos e emocionais, presentes na Sociedade (fatores sociais). Como evidência disto não bastaria a mobilização de sentimentos de solidariedade obtidos pela uso de fotografias como a Figura 2?



Figura 2. Reportagem publicada pela Revista Veja em 30/10/96. Ed. 1.486 – Ano 29 – n°44

Nesta história, qualquer insistência no uso da multimistura em programas alimentares só pode ser entendida como credice, ato de irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia, ou seja, erros ou fenômenos de um mundo social completamente separado das verdades purificadas estabelecidas nos laboratórios. Ela assume plenamente e pratica sem problematizar uma assimetria entre o que é conhecimento científico e o que é tradição, cultura ou crença (popular). Para aqueles que fazem este tipo de história, há espaços desconhecidos, a serem descobertos, mas não cabem relativismos no espaço da realidade que a ciência descobre. É pouco provável que eles se interessem por fazer uma história da multimistura porque para eles, do ponto de vista da história da ciência e da tecnologia, a história da multimistura não é muito interessante por ser demasiadamente simples – afinal é corriqueiro observar-se situações em que um equívoco ou mesmo uma fraude se desenvolve e atinge grandes dimensões.

### 3.2 Segunda história

Uma segunda história abre espaço para relativismos ao fazer uma exigência de simetria. Por um lado, Clara Brandão é médica e nutricionista. Ela é mais do que um “simples” ator interessado. Ela consultou a composição físico-química da mistura e verificou que sais e vitaminas estavam ali presentes. Se ela parece não ter elementos para rebater os argumentos da presença de anti-nutrientes no campo da bioquímica nutricional, ela traz à cena a pesagem de crianças que, ela reivindica, efetivamente tiveram seus pesos aumentados após a adoção da multimistura em sua alimentação. O problema da desnutrição, ou fome, especialmente em crianças, tem alto potencial de mobilizar ações solidárias e Clara Brandão foi, sim, ousada nas imagens que utilizou para dar maior robustez à proposição multi-mistura.



*Fig.3 - Acompanhamento do peso de crianças no programa de uso da multimistura*

Mas, por outro lado, o estabelecimento de verdades científicas sobre a multimistura pelos grupos acadêmicos em torno às questões alimentares e nutricionais não é um fato puro desprovido de interesses. A possibilidade de a multimistura ser adotada na merenda escolar em programa de âmbito nacional, envolvendo dezenas de milhões de reais, coloca a multimistura em uma arena onde estão outros atores, já desde muito antes bem estabelecidos no mercado de alimentos no Brasil. A Pastoral da Criança estabeleceu um convênio com grandes empresas no setor de alimentos na mesma ocasião em que abandonou o uso da multimistura. Os grupos acadêmicos envolvidos são em grande parte oriundos das regiões sul e sudeste do Brasil, regiões mais ricas onde o paradigma que faz a equivalência entre conhecimento científico e conhecimento confiável está mais sólida e amplamente instalado em oposição às chamadas crendices.

A primeira história aceita o fato ou verdade científica purificada como uma espécie de absoluto universal. A segunda história traz diferenças. Ou seja, se é necessário justapor os fatores sociais tais como a irracionalidade, ignorância, resistência, fanatismo ou malícia se se quer entender a propagação cientificamente inexplicável da multimistura (um “erro”), então será metodologicamente necessário que se justaponham os fatores sociais para se entender como se dá a vitória dos opositores da multimistura (um “acerto”). Se os erros são pouco importantes diante dos acertos na primeira história da ciência e da tecnologia, já não é bem assim na segunda. Nesta segunda história, metodologicamente, devem ser apresentadas explicações simétricas para os acertos e para os erros; tanto as verdades científicas quanto os equívocos ou fraudes devem ser entendidos e explicados nos mesmos termos. Na segunda história as verdades científicas não se afirmam por si sós e tampouco os erros, descaminhos e ficções são desprovidos de racionalidade. A intensidade causal e a classificação de cada ator devem ser estabelecidas empiricamente para o caso em questão.

A segunda história é mais relativista e mais dialógica. Ao exigir que os acertos e os erros sejam explicados nos mesmos termos ela retira da verdade científica o seu absolutismo, pois enfraquece o caráter radical da diferença entre um conhecimento científico certo e uma crença popular errada. Ao ressaltar a historicidade do fato científico ela o torna relativo.

Para o analista, sociólogo ou historiador da ciência e da tecnologia, aparece aqui um limite para o relativismo. Este limite é fixado no fechamento das controvérsias científicas.<sup>4</sup> Nas palavras de Bruno Latour:

---

<sup>4</sup> Ver, a este respeito, (Collins, 1992; Latour, 1998)

*Não podemos ser mais relativistas do que os cientistas [quando eles fecham uma caixa-preta] ... e continuar negando a evidência quando ninguém mais está fazendo isto. Por quê? Porque o custo da controvérsia é alto demais para um cidadão comum, ainda que se trate de um historiador ou sociólogo da ciência.” (Latour, 1998:166)*

Este limite do relativismo para o historiador ou sociólogo tem para Clara Brandão uma consequência de caráter estratégico: o conhecimento científico, este poderoso inimigo, capaz não só de descrever como de criar os objetos que descreve, criar a realidade, só admite diálogo com um contra-laboratório. Ele impõe as armas do duelo. Pare levar adiante a luta neste campo, Clara Brandão terá que mobilizar recursos concentrados que sejam capazes de problematizar e provocar fissuras no conhecimento científico que se estabeleceu sobre as propriedades da multimistura criando controvérsias científicas.

Mas como se desloca este tipo de limite interposto ao relativismo na segunda história? Em outras palavras, como se estabelece em cada caso a fuga do fechamento das controvérsias científicas?

### **3.3 Terceira história**

Para tratar esta questão lanço mão do trabalho do antropólogo Piers Vitebsky sobre os “domínios de doença e saúde, corpo, mente e alma.” Segundo ele, o artigo “Luto e melancolia” de Freud apresenta “a teoria secular mais coerente e influente dos processos mentais da perda por morte no Ocidente industrializado.” (Vitebsky, 1993:102) A base do modelo e da prática (terapêutica) de Freud é a certeza que a pessoa que morreu cessou de existir em um sentido ontológico profundo. A pessoa morta não é mais nenhum ser subjetivo e qualquer tentativa continuada de interagir com o morto é portanto baseada em uma ilusão. Uma pessoa desconsolada pensar que ouviu sua voz do morto, ou imaginar sua presença, etc. pode ser parte do que Freud chama de “luto normal”. Mas o “teste da realidade” deve logo convencer o desconsolado que a pessoa morta não mais existe. É o reconhecimento do “veredicto da realidade” que inicia o processo de recuperação. Se este veredicto da realidade não é aceito implanta-se um estado patológico de melancolia que é um retiro em uma psicose alucinatória dominada pelo desejo na qual a existência da pessoa morta é psiquicamente (e erradamente) prolongada em excesso. O diálogo com o psicanalista precisa após algum tempo ajudar o paciente a reconhecer este erro.

Mas, segundo Vitebsky, os Sora não aceitariam esta versão da realidade. Para eles os mortos continuam a existir plenamente embora tenham sido qualitativamente transformados. Onde Freud contrasta estados de mente normal e patológico na pessoa desolada, os Sora

contrastam estados de mente benignos ou agressivos na pessoa morta e os localizam em várias partes distintas da paisagem. Os mortos residem nestes lugares conforme seus ânimos do momento e o vivo os encontra e se envolve com eles passando por esta paisagem. Em certos aspectos ou ânimos, os mortos cuidam de seus descendentes e asseguram a continuidade da linhagem; em outros eles atacam seus descendentes e causam neles as mesmas doenças das quais morreram. O pajé provê um canal através do qual os vivos e os mortos estabelecem um diálogo. Estes diálogos acontecem em divinações, ritos de cura e funerais. Aqui os vivos e os mortos exploram os ânimos de cada um para modificá-los. Para ser curado você convida os mortos que atacam você para um diálogo de modo a descobrir como eles se sentem sobre você e porque eles atacaram. Você então tenta persuadi-los para um estado de mente diferente, menos agressivo, enquanto os mortos, por sua vez, podem persuadir você a mudar algo em você mesma.

Vitebsky afirma que seria difícil – pelo menos para um antropólogo – descobrir uma meta-posição da qual poderia dizer, sem disfarce, que qualquer um destes dois entendimentos é um exemplo de ignorância. Na verdade, esta proposição parece desprovida de sentido. Como ele diz, a diferença aqui não é de fato observado, ou de evidência empírica, mas da explicação inferida:

*Em suas metafísicas, os participantes de ambas as tradições parecem muito certos sobre o que eles sabem e até reforçam esta convicção através de procedimentos de verificação. Freud fala de “teste da realidade” que conduz ao “veredicto da realidade” que é que o morto “não mais existe”. Os Sora da mesma maneira têm meios de interrogar os mortos para se certificarem que eles são realmente quem eles dizem que são e não somente impostores que vieram para se regalar em um sacrifício grátis. Em ambos os casos, pode-se argumentar de fora destas crenças que elas estão erradas. O teste da realidade de Freud não testa realmente a realidade, mas sim testa proposições frente a uma noção preconcebida de realidade. Da mesma forma, toda a prática de diálogos com os mortos poderia plausivelmente (embora Vitebsky ache que superficialmente) ser interpretada na suposição que estes diálogos nada mais são do que um truque teatral.(Vitebsky, 1993:103-104)*

Vitebsky configura a partir daí três tipos de articulações entre as técnicas e as verdades nos “domínios de doença e saúde, corpo, mente e alma” (Vitebsky, 1993:112):

- a) formas materialistas de psiquiatria: técnica com pouco ou nenhum diálogo, corpo radicalmente separado da mente (ou cérebro);
- b) psicanálise freudiana: técnica medianamente dialógica, corpo relacionado com mente, conceito de mente sem espíritos;

- c) pajelança dos Bora: técnica altamente dialógica, corpo relacionado com mente (ou alma), conceito de mente (ou alma) com espíritos.

Vitebsky observa que para entender isto “precisamos nos afastar bastante de qualquer teoria de valor de verdade do conhecimento (para não dizer nada de ignorância) em direção a noções de adequação, conhecimento apropriado e contexto.”(Vitebsky, 1993:104)

A possibilidade de isolamento de uma verdade científica que se estabelece no fechamento de uma controvérsia corresponde, e isto não surpreende, ao conceito freudiano de mente (ligada ao corpo) sem espíritos. Já a pajelança dos Bora, que mobiliza conceitos de alma e espíritos, oferece correspondências às linhas de fuga dos limites interpostos ao relativismo na segunda história quando ela se depara com o fechamento das controvérsias (ou enfrenta as caixas-pretas da ciência).

"Quando eles estão por lá, ficam realizados, vivem um sonho," diz Edilene Oliveira Ferro ao referir-se à presença de meninas e meninos no programa de complementação escolar AABB Comunidade, patrocinado pela Fundação Banco do Brasil, onde se insere não só a distribuição regular da multimistura como também a inauguração de fábricas da multimistura como eventos especiais. A alimentação sustentável é associada ao "Dia da Higiene", quando todos tomam um banho reforçado e são levados a elevar a auto-estima com corte de cabelos e unhas e, para as meninas, maquiagem, manicure e pedicure. Para crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, serem atendidas por educadores e complementarem o turno escolar, três vezes por semana, com reforço escolar, oficinas de artes cênicas e plásticas, canto coral, natação e vários tipos de esporte, é uma oportunidade única. Os participantes também acompanham o preparo das refeições, como ajudantes. É a hora de entender e aprender sobre alimentação saudável. É aqui que entra a mini-fábrica de multimistura que vai atender, além de Bom Conselho, todas as cidades pernambucanas onde funciona o AABB Comunidade. "A mini-fábrica de multimistura é operada pelos educadores e pelas mães das crianças. A matéria-prima utilizada para fazer o complemento alimentar composto é adaptada para os produtos mais comuns na região e doados pelos próprios pais e por membros da comunidade", explica o presidente do Conselho Estadual de AABBs (Cesabb), José Alexandre da Silva.

Ao afastarem-se parcialmente de um compromisso preconcebido com o valor normativo e prescritível de uma verdade científica do campo da bioquímica nutricional, mesmo que estabilizada como uma caixa-preta da ciência, estas pessoas ensaiam práticas que transbordam o enquadramento (Michel Callon) de um aparelho nutricional separável do restante. Desta forma elas problematizam os fechamentos das controvérsias e procuram abrir (sem garantia de sucesso) linhas de fuga dos paradigmas científicos mais restritos e

purificados dos processos nutricionais configurados nos laboratórios, onde as relações com o corpo são vistas a partir de modelos formais, em direção a concepções mais abrangentes de inclusão do corpo e da vida (por exemplo, auto-estima) para decidir suas práticas.

**Bibliografia:**

Collins, H. M. Changing order: replication and induction in scientific practice. Chicago: University of Chicago Press. 1992. x, 199 p. p.

Deleuze, G. e F. Guattari. Mil Platôs 1 - Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. 1995. 96 p.

Latour, B. Ciência em Ação - Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP. 1998. 439 p.

Velho, L. e P. Velho. A controvérsia sobre o uso de alimentação 'alternativa' no combate à subnutrição no Brasil. História Ciências Saúde MANGUINHOS, v.9, n.1, jan.-abr. 2002, p.125-157. 2002.

Vitebsky, P. Is death the same everywhere? contexts of knowing and doubting. In: M. Hobart (Ed.). An Anthropological Critique of Development. London: Routledge, 1993. Is death the same everywhere? contexts of knowing and doubting, p.100-115